

**EDUCOMUNICAÇÃO: A ARTE E O SABER – ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES DA CIÊNCIA
SOBRE A ARTE E DA ARTE SOBRE A EDUCAÇÃO**

**EDUCOMMUNICATION: ART AND KNOWLEDGE – STUDY OF THE
MANIFESTATIONS OF SCIENCE ABOUT ART AND ART ABOUT EDUCATION**

Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa

Resumo:

O presente projeto tem por objetivo desenvolver os estudos em Educomunicação, tendo como principal objeto de pesquisa as relações entre arte, conhecimento e educação. Baseia-se na constatação de que, na Modernidade, após cerca de quatrocentos anos de hegemonia da escrita como linguagem preferencial para a ciência e a educação, as transformações havidas na sociedade e na ciência, na passagem do século XIX para o XX, levaram a uma crescente preponderância das imagens como forma de conhecimento e referência da relação do ser humano com a realidade. Essas transformações dizem respeito ao desenvolvimento dos meios de comunicação e da produção industrial de bens simbólicos, bem como às revoluções científicas da física à psicanálise que abalaram a crença no positivismo e no racionalismo. O projeto busca fazer um levantamento bibliográfico e iconográfico da educação nos séculos XIX e XX e da discussão que estabelece entre educação e imagem. Todo o processo será desenvolvido com a construção concomitante de um site onde cada etapa da pesquisa será registrada e analisada.

Palavras-chave: comunicação – arte – educação – mídia – conhecimento

Summary:

This project aims to develop studies in Educommunication, having as its main research object the relationships between art, knowledge and education. It is based on the observation that, in Modernity, after nearly four hundred years of hegemony of writing as the preferred language for science and education, as transformations occurred in society and science, in the passage from the 19th to the 20th century, led to a growing preponderance of images as a form of knowledge and reference of the human being to reality. These transformations concern the development of the means of communication and the industrial production of symbolic goods, as well as the scientific revolutions from physics to psychoanalysis that shook the collection in positivism and rationalism. The project seeks to make a bibliographical and iconographic survey of education in the 19th and 20th centuries and the discussion that attends between education and image. The entire process will be developed with the concomitant construction of a website where each stage of the research will be registered and analyzed.

Keywords: communication – art – education – media – knowledge

INTRODUÇÃO

O uso dos ideogramas na Antiguidade, entre egípcios, mesopotâmios e chineses, já apontava para a importância da linguagem gráfica na comunicação humana. Mas a invenção do alfabeto, ligando os signos aos sons e não à realidade material e concreta, veio revolucionar a relação com o mundo que nos cerca. O alfabeto, sendo um sistema mais fechado, abstrato e econômico, abriu novas possibilidades à capacidade de expressão e comunicação humana. A escrita passou a conduzir o desenvolvimento do conhecimento, fornecendo-lhe tecnologia cognitiva capaz de garantir uma organização racional, sistêmica e sequencial. Por outro lado, aumentou a possibilidade de memorização e de acumulação da bagagem coletiva de informações dos grupos sociais. Os conteúdos desprenderam-se de seus autores e, adquirindo maior mobilidade, perpetuaram-se no tempo e desdobraram-se no espaço. A escrita imprimiu maior velocidade à capacidade de expressão e deu maior durabilidade e permanência aos enunciados. Daniel Bounoux¹ credita à escrita a possibilidade de um raciocínio mais crítico e questionador, através do qual os leitores vasculham os textos em busca de coerência e exatidão.

Mas foi na Modernidade que a escrita se tornou a linguagem por excelência, legitimando as relações sociais, os contratos, os casamentos e as identidades e fazendo do documento escrito o alicerce dos direitos e obrigações. A alfabetização se tornou também o salvo-conduto da mobilidade social e do trabalho. Com a invenção da prensa de Gutenberg, populariza-se o livro como portador de conhecimento.

Uma sociedade baseada no texto escrito que a regulava e legitimava exigia uma instituição que capacitasse os cidadãos nessa tecnologia, uma vez que a escrita não é aprendida de forma natural como a fala e o gesto, que se desenvolvem entre os usuários no mero contato de quem ainda não sabe com quem já sabe. Tanto a forma gráfica dos símbolos como as regras de combinação das letras exigem aprendizado e treinamento.

¹ BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. São Paulo: Vozes, 1994.

Com o crescimento das cidades, uma população de origem étnica, regional e social diversa é atraída para a vida urbana e sua presença cada vez mais evidente parece ameaçar a ordem social. Tornou-se necessária uma instituição disciplinadora que revelasse as bases das relações sociais modernas, firmadas em diferentes textos escritos, dos mandamentos bíblicos às constituições nacionais. A escola e a divulgação da cultura livresca aparecem como as salvaguardas dos valores dessa sociedade burguesa. Estavam lançadas as bases do modelo de escola como foi criada na Europa Iluminista e que se espalhou pelo mundo através do Colonialismo: defesa do idioma pátrio e da escrita, difusão da alfabetização e desenvolvimento do nacionalismo.

Mas na virada do século XIX para o século XX, a hegemonia da escrita na comunicação humana começa a ruir. Diversas teorias passam a questionar a racionalidade e a linearidade do conhecimento expresso nos textos escritos. Uma delas foi a psicanálise, criada por Sigmund Freud que, estudando a psique humana, descobriu a racionalidade dos sonhos e do imaginário. Também a Antropologia, estudando povos ágrafos, descobriu nas formas de representação visual um “alfabeto” racional e coerente pelo qual era possível ter acesso à história e à cultura de um povo. A diversidade dos idiomas com os quais os europeus (especialmente) entraram em contato, principalmente em suas aventuras colonialistas, acabou por dar maior importância a outros sistemas de símbolos, mostrando a possibilidade de diferentes formas de expressão serem estudadas como linguagens, igualmente racionais e objetivas.

Entretanto, foi o desenvolvimento dos meios de comunicação e em especial das tecnologias de registro de imagens, como a fotografia e o cinema, que abriu espaço para o estudo sistemático das imagens.

JUSTIFICATIVA

É nesse cenário que a educação teve que rever seu paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que pudesse ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma, eurocentrada,

iluminista e burguesa, baseada na escrita como forma de produção e controle do conhecimento; e outra, globalizada e massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, dentre as quais se afirmam de forma hegemônica os meios audiovisuais.

A adesão da escola e da educação aos conteúdos imagéticos e aos meios de comunicação visuais, entretanto não foi fácil nem rápida. O século XX foi o momento em que a escola se tornou espaço privilegiado de críticas e experimentações e muitas delas tiveram como objetivo integrar as instituições educativas à era da imagem. O texto escrito continuou sendo por muito tempo a linguagem primordial da educação. As razões são muitas e entre elas estão: 1) as imagens são mais universais do que o texto escrito atingindo pessoas não alfabetizadas ou que desconhecem determinado idioma, possibilitando maior acesso às mensagens e conteúdos, fazendo com que muitos temessem a perda de controle sobre as mensagens e sobre quem as alcançasse; 2) as imagens emocionam mais e despertam sentimentos tanto quanto mobilizam o observador, tirando do autor e do educador o controle total sobre o processo psico-social que desencadeiam; 3) a alfabetização proporciona a homogeneização dos idiomas em torno da hegemonia da língua pátria, o que lhe dá um forte caráter nacionalista e disciplinador.

Talvez a educação continuasse rejeitando o poder das imagens fixas e móveis e dos meios de comunicação de massa da formação dos estudantes não fosse a explosão resultante do desenvolvimento das mídias digitais, da comunicação em rede e do processo de globalização – estes fizeram da imagem o elemento preponderante da comunicação – as imagens são mundialmente inteligíveis enquanto os textos escritos esbarram com as barreiras linguísticas e com a necessária alfabetização. Programas, plataformas e sistemas como o Twitter, por exemplo, têm reduzido sistematicamente o tamanho dos textos escritos na comunicação e o uso de signos gráficos mistura-se às mensagens como nos hieróglifos da Antiguidade.

O presente projeto, fruto de uma experiência pessoal com a produção artística e cultural e do desenvolvimento da Licenciatura em Educomunicação

que se processa no Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ao qual pertencço, busca trabalhar teórica e empiricamente com as estreitas relações entre arte, comunicação, educação e conhecimento, investigando a necessidade do uso das imagens e dos processos cognitivos que elas desencadeiam para se ter uma educação voltada para o desenvolvimento humano e social.

SOCIOLOGIA, COMUNICAÇÃO E ARTE

Meus estudos sobre arte e sociedade começaram cedo, na década de 1980. No mestrado, apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, em 1985, tratava da pintura brasileira e a representação pictórica das mulheres entre 1800 e 1950. Intitulava-se *O Retrato Feminino na Pintura Brasileira – do realismo ao romantismo – 1800-1950 – análise estética e sociológica*². Estudei mais de 500 obras pertencentes aos principais museus de São Paulo e Rio de Janeiro, desenvolvendo uma metodologia de leitura da imagem pictórica que resultou na detecção de dois diferentes modelos de representação nos retratos – um realista, característico da sociedade rural, e outro romântico, após a República, o desenvolvimento da indústria e da urbanização.

Prosseguindo nessa linha de pesquisa, em 1990, defendi meu doutorado estudando a pintura barroca e a forma como a pintura sacra do século XVIII influenciou o padrão de representação da pintura histórica instaurada com a vinda da família real portuguesa para o Brasil. Intitulava-se *A pintura do Barroco Mineiro das cidades do ciclo do ouro: Mitos e História*³. Com a mesma metodologia de pesquisa, analisei 800 obras espalhadas pelos templos e museus de Belo Horizonte, São João del Rey, Tiradentes, Sabará, Mariana e Congonhas do Campo. Estudei também o culto mariano presente nessa coleção – mais de 150 invocações de Maria, cada uma com uma imagem, uma hagiografia, um dia de festa e um culto diferente. Os dados dessas pesquisas foram

² *O retrato feminino na pintura brasileira – de 1800 a 1950 - do realismo ao romantismo – análise estética e sociológica*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985.

³ *A pintura do barroco mineiro: mitos e história* – Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1990.

reunidos em um livro publicado pela Editora SENAC que tem por título “A imagem da mulher – um estudo de arte brasileira”.⁴

Em 1996, passei a integrar como docente a Escola de Comunicações e Artes da USP, no Departamento de Comunicações e Artes, e fazendo parte do então Centro de Estudos de Telenovela – comandado pela Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega. Lá elaborei minha tese de livre-docência que teve por título “O gancho da Telenovela, análise estética e sociológica”⁵. Tratava-se de um estudo da telenovela *O Rei do Gado*⁶, através da qual estudei o porquê dos cortes que encerravam os capítulos manterem o público cada vez mais aficionado ao roteiro. Utilizei a mesma metodologia de leitura da imagem, então desenvolvida para a leitura do audiovisual. Esse trabalho foi publicado pela Editora Annablume em parceria com a FAPESP, sob o título de *A Milésima Segunda Noite*.⁷

No concurso para Professora Titular de Comunicação e Cultura, em 2015, apresentei trabalho sob o título de *A Arte como Documento Histórico*, mostrando como, ao longo de mais de trinta anos como pesquisadora da arte, havia utilizado as obras como documento da história, da cultura e do imaginário humano.

Em 2000, na qualidade de Presidente da Comissão de Biblioteca da Eca-USP, entrei em contato com o Arquivo Miroel Silveira – 6.137 processos de censura prévia ao teatro, de 1930 a 1970, provenientes do Serviço de Censura do Departamento de Diversões Públicas do Estado de São Paulo, com todos os documentos históricos oficiais e os originais das peças analisadas. Essa documentação havia sido resgatada pelo Prof. Dr. Miroel Silveira pouco antes da promulgação da Constituição de 1988 que extinguiu a censura. Com autorização do Arquivo do Estado, passamos a estudar os processos censórios por 20 anos, tendo reunido em torno dessa documentação mais de 80 pesquisadores em diferentes graus de carreira acadêmica – de alunos de Iniciação Científica a Pós-doutorandos. Constituimos para isso o Núcleo de Apoio à Pesquisa

⁴ COSTA, Cristina. **A imagem da mulher** – Um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: SENAC RIO, 2002.

⁵ *O gancho da telenovela – análise estética e sociológica*. Tese de Livre-Docência apresentada à escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1997.

⁶ **Rei do Gado** – telenovela da Rede Globo, exibida entre 1996 e 1997, no horário nobre. De autoria de Benedito Ruy Barbosa e outros e Direção Geral de Luiz Fernando Carvalho.

⁷ COSTA, Cristina. **A milésima segunda noite**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da USP (OBCOM-USP). Publicamos cerca de 15 obras com os resultados dessa pesquisa. Pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo publiquei *Censura em Cena*, um relato da história da censura no Brasil⁸. Dessa época é a primeira bolsa de Produtividade em Pesquisa que me foi concedida pelo CNPq.

Importante considerar que todas essas pesquisas estiveram direta ou indiretamente atreladas ao uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação, com a criação de sites de divulgação científica e repositórios de material de investigação científica. Assim foi mantido o site do OBCOM-USP, existente ainda hoje no endereço eletrônico <http://obcom.nap.usp.br/>, onde se acessa toda uma importante documentação sobre a censura no Brasil. É nosso propósito fazer o mesmo com a pesquisa do presente projeto – organizar o material levantado disponibilizando-o em um site especialmente organizado para esse fim.

Por outro lado, sendo professora da Licenciatura em Educomunicação na ECA-USP, venho batalhando para o uso da arte em atividades didáticas e pedagógicas nas disciplinas que ministro *Mídias e Sociedade* e *Mídia, Arte e Educação*. Tenho acompanhado, há já seis anos, a importância das linguagens audiovisuais na educação e o desenvolvimento de expressões artísticas como forma de traduzir o conhecimento aprendido. Mais uma prova de que saber e arte mantém estreitas relações.

Mais recentemente, para dar novo impulso à minha constante pesquisa sobre cultura e imaginário, formei-me psicanalista e pude entender as linguagens visuais em todo seu poder de expressar conteúdos pessoais e subjetivos, de manifestar de forma ímpar sentimentos e emoções, possibilitando seu compartilhamento. Foi a partir dessa interdisciplinaridade que desenvolvi o presente projeto de pesquisa que apresento nesse novo Edital de Produtividade em Pesquisa do CNPq 2021. Trata-se de um projeto que é resultado também de um Curso oferecido na USP, em 2020, intitulado Artes e Narrativas, aberto ao público em geral que combinava Comunicação e Cultura com o estudo da arte para o autoconhecimento. Tratava-se então de estudar a arte como elemento indispensável para o desenvolvimento da subjetividade, criatividade e desenvolvimento pessoal.

⁸ COSTA, Cristina. **Censura em cena**. São Paulo: EDUSP/FAPESP/ Imprensa Oficial, 2006.

Como docente da licenciatura em Educomunicação, tenho introduzido toda essa experiência, de mais de 35 anos, nas minhas atividades acadêmicas, procurando mostrar que a arte, por estar intimamente relacionada com o desenvolvimento humano e individual de cada pessoa, tornou-se um recurso indispensável para a formação do educador. Sobre isso falaremos a seguir.

ARTE E EDUCOMUNICAÇÃO

A Educomunicação é uma área do saber interdisciplinar, das ciências humanas aplicadas, que alia os conhecimentos e práticas da educação às ciências da comunicação. Surgiu com as grandes transformações que ocorreram na educação no século XX e com o desenvolvimento dos meios de comunicação e da produção industrial de bens simbólicos. Por um lado, a educação disciplinar e dogmática que existiu até a primeira metade do século XX, deu lugar a uma compreensão mais completa e complexa do ser humano e do papel da escola no seu desenvolvimento. Uma educação mais inclusiva, buscando desenvolver a sensibilidade e integração do aluno na sociedade, bem como estimulando sua visão crítica e conseqüente, alia-se à necessidade de introduzir na alfabetização dos alunos, além da linguagem verbal, a familiaridade na compreensão das imagens fixas e em movimento e das mensagens midiáticas. Desde a Escola de Frankfurt, fundada na década de 1930 na Universidade de Frankfurt, com Theodor Adorno, Walter Benjamin e Max Horkheimer, se evidencia a necessidade de uma compreensão profunda dos recursos e mecanismos midiáticos, de maneira a se constituir um público crítico e não ingênuo, capaz de desenvolver uma consciência crítica dos processos de manipulação e alienação promovidas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e da indústria cultural, termo cunhado por Adorno.

A sociedade midiática coincide com o surgimento da era da imagem e obriga a educação formal e informal, baseada em princípios de desenvolvimento humano, a rever seus currículos e a fazer das linguagens imagéticas e da cultura midiática – a fotografia, o cinema, a televisão e as mídias digitais, após 1970 – conteúdo de especial interesse na formação dos alunos. A sociedade em rede que se transforma em realidade no século XXI fez da alfabetização midiática uma emergência, revolucionando programas e formas de ensino-aprendizagem. Autores como Edgar Morin, Arjun Appadurai e Jesus Martin-Barbero têm se dedicado a alertar sobre a importância de não

se considerar os meios de comunicação como aparato tecnológico ou mero entretenimento e sobre a necessidade de decifrar as novas linguagens tecnológicas. Marc Augé e Roger Silverston também trazem importantes contribuições nesse sentido e têm feito parte da bibliografia com a qual trabalho em minhas pesquisas e aulas. Assim, a educomunicação se estabelece como uma área do conhecimento que se dedica justamente a fazer a relação entre a cultura mediática e educação, entre linguagem verbal e imagética, entre o desenvolvimento da racionalidade e da sensibilidade e intuição.

Para citar alguns dos estudiosos que servem de base a nossos estudos, Marc Augé, antropólogo que estudou a cultura africana, publicou trabalhos em que mostra como a invasão imagética dos meios de comunicação estão modificando a cultura mítica e mágica do continente africano. Diz ele: “Na intimidade de nossas casas, imagens de toda espécie, transmitidas por satélites, captadas pelas antenas que guarnecem os telhados da mais afastada de nossas cidadezinhas, podem dar-nos uma visão instantânea e, às vezes, simultânea de um acontecimento em vias de se produzir no outro extremo do planeta”.⁹

Roger Silverstone, nesse sentido aponta: “Saber onde estamos é tão importante quanto saber quem somos, e, claro, as duas coisas estão intimamente interligadas... para isso a mídia nos oferece uma janela para o mundo que, não é apenas uma janela, é um convite a estender nossa capacidade de atuar para além das coerções do imediato e do físico. De fato, rumo ao espaço virtual”.¹⁰

Além do desenvolvimento dos meios de comunicação, a educação e os princípios pedagógicos da atualidade se deparam com a perda de prestígio da racionalidade como única e mais competente forma de nos relacionarmos com a realidade. Os avanços da ciência, as descobertas da teoria da relatividade e da física quântica, mostraram a importância de um pensamento menos factualista ou mecânico, capaz de dar conta de fenômenos cada vez mais complexos e só apreensíveis por uma postura intelectual relativista e não dogmática. A educação teve de se adaptar a essas novas condições de

⁹ AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

¹⁰ SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola, 2002.

compreensão da realidade e a educomunicação se apresenta capaz de engendrar essa transformação nas práticas educativas.

No Brasil, país que ainda se depara com os resquícios de uma estrutura colonial, estamental e escravocrata, em que a educação e a alfabetização sempre foram privilégios de poucos, a educomunicação deve também promover a inclusão social e a emancipação das camadas mais carentes da sociedade, como defendia Pierre Bourdieu¹¹.

Na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, um grupo de professores constituído de pesquisadores como Maria Aparecida Baccega, Ismar de Oliveira Soares, Adilson Odair Citelli, Maria Cristina de Palma Mungoli, além da autora deste projeto, entre outros, lutou por criar a primeira licenciatura em Educomunicação do país. Pude trazer para essa prática todo o conhecimento adquirido através de pesquisas e produção bibliográfica sobre a relação entre arte e ciência, imagem e expressão, racionalidade e sensibilidade, lidando sempre com a metodologia de leitura da imagem desenvolvida em minha vida acadêmica.

Corroborando o que aqui estamos defendendo, Adilson Citelli afirma em artigo publicado na Revista Comunicação & Educação, em 2000:

Enquanto convivíamos numa civilização dominada pela palavra, num mundo onde o conhecimento e a informação estavam, basicamente, guardados nos livros, a diferença entre os mestres e seus discípulos era brutal, com relação à vivência de temas e problemas postos pela cultura letrada...Era preciso saber ler, possuir o segredo do livro, ter experiência para adentrar os mistérios da escrita.

Diante do exposto, seria no mínimo extemporâneo entendermos que a forma de se produzirem os sentidos no âmbito da escola continuasse seguindo os mesmos padrões de algumas décadas passadas. Sem dúvida as interfaces comunicação/educação/novas tecnologias foram aprofundadas e passaram a se retroalimentar, tomando-se interdependentes.¹²

Na mesma revista, escreveu Ismar de Oliveira Soares:

¹¹ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

¹² CITELLI, Adilson Odair. Meios de Comunicação e Práticas Escolares. Revista Comunicação & Educação – Vol6,n.17 (2000).

Por suas incongruências, contudo, como a destruição do ecossistema em nome da racionalidade econômica ou a violência que eliminou vidas sem conta nas pequenas e grandes guerras do século por causas que a história revelou irrelevantes- a razão iluminista acabou por perder legitimidade frente aos olhos de milhões de pessoas. Nesse sentido, a própria sociedade foi obrigada a buscar na dinâmica da denominada cultura da Pós-Modernidade referenciais mais adequados que expliquem as mudanças pelas quais a sociedade em geral e as pessoas em particular estão passando¹³.

Nesse sentido Citelli conclui:

O vigor atrativo dos signos icônicos e da interatividade (real ou aparente) para a qual tendem os veículos de comunicação levariam o aluno a se distanciar dos esquemas da contigüidade que estruturam os discursos verbais. A força da imagem e sua capacidade de presentificar e aproximar tornariam um tanto obsoletos certos esforços explicativos conforme processados tradicionalmente pela escola¹⁴.

Não só nas ciências da comunicação, as linguagens imagéticas ganham importância e centralidade, mas nas ciências de um modo geral – a especialidade médica de diagnóstico por imagens exige uma outra formação profissional na medicina. Na física, as teorias da Relatividade e as teorias quânticas percebem que a realidade escapa às dimensões conhecidas da percepção humana, exigindo esforços de raciocínio amplamente interpretativos e não factuais e descritivos, numa metodologia de análise bastante diversa da convencional. Na psicologia e na psicanálise os símbolos imagéticos ganham preponderância por seu conteúdo manifesto ou mesmo oculto, exigindo, como na física contemporânea, um esforço interpretativo que deve ser cada vez mais central na educação. Enquanto as informações factuais e descritivas abundam nas plataformas digitais, mais importante será uma educação voltada para a interpretação e diagnósticos situacionais e subjetivos.

O presente projeto pretende ser um desenvolvimento de todo esse trabalho de pesquisa que relaciona a arte com o desenvolvimento individual, social e humano de pessoas, trazendo para a educomunicação conhecimentos, metodologia de pesquisa e práticas pedagógicas adaptadas às necessidades da atualidade.

¹³ SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações* – Revista Comunicação & Educação – vol 7, n.19 (2000)

¹⁴ CITELLI, Adilson Odair. *A escola e os discursos não didáticos*. Revista Comunicação & Educação – vol 3, n.8 (jan/abr, 1977)

ARTE COMO MANIFESTAÇÃO DA HUMANIDADE

Muitos autores têm tentado explicar o surgimento da arte. Mas, de que arte estamos falando? Não é da arte objeto, nem da arte mercadoria, nem da arte como gosto e estetização do mundo. Estamos falando, como George Bataille, de uma forma de expressão da própria humanidade. Em seu livro *O nascimento da Arte*¹⁵, estudando as grutas de Lascaux, ele afirma que ali está o início da humanidade e que aquele ser humano havia criado “do nada este mundo de arte onde a comunicação dos espíritos começa”.¹⁶ Aquela arte que data de 30 mil anos atrás, expressa um ser pensante, criador e transgressor, capaz de traduzir a experiência sensível percebida em três dimensões em uma narrativa bidimensional. Trata-se, portanto, de uma criação que evidencia potencial simbólico, proveniente do imaginário e expressivo de uma psique em desenvolvimento e de uma crescente sociabilidade. As pinturas descobertas mais tarde, também na França, em Chevet atestam essa capacidade cognitiva e psíquica em tempos ainda mais remotos que remontam a 35 mil anos atrás. Segundo estudiosos, as mandíbulas encontradas nos arredores mostram que esses antepassados ainda não falavam, no entanto, já pintava. É dessa arte, portanto, que estamos falando e é essa arte que estudamos – a capacidade do ser humano de dar forma, de localizar em um espaço e tempo determinado, uma representação do mundo à sua volta e de uma revolução mental sem precedentes.

Essa competência de expressar e compartilhar com seus pares uma representação da realidade vivida sob forma de imagem, resultante de processo simbólico subjetivo passou, desde então, a fazer parte da cultura humana, estabelecendo com outros hábitos e costumes uma identidade coletiva que engendra um sentimento de pertencimento e diferentes formas de estar no mundo. As mais antigas relíquias da cultura humana são os cemitérios onde são enterrados os corpos dos mortos em uma dada posição e segundo um mesmo ritual que expressa também as indagações a respeito da vida e da morte. Essa arte foi estudada por diferentes autores para se descobrir suas origens – o antropólogo Max Schmitz, estudando os indígenas

¹⁵ BATAILLE, Georges. **O nascimento da arte**. Lisboa: Sistema Solar, 2015.

¹⁶ Idem, p. 16.

brasileiros, associa o surgimento de uma forma peculiar de trançado de fibras ao peixe de que viviam os grupos estudados – o Merechu. O desenho das escamas aparecia reproduzido nos trançados e, posteriormente, nas cerâmicas e, mais tarde ainda, nos desenhos figurativos da figura humana. O chamado Padrão Merechu havia sido introjetado pelos indígenas como uma estrutura constitutiva do real e do belo¹⁷.

Analisando as ossadas encontradas na África há mais de 20 mil anos, Richard Leakey e Roger Lewin encontraram amuletos finamente produzidos. Eles assim os descrevem:

(...) o cavalo fora levado a muitos locais numa sacola e manuseado durante vários anos: o olho, a orelha, o nariz, a boca e a crina, que foram cuidadosamente entalhados, estavam muito gastos devido ao manuseio prolongado. Na realidade, todas essas estatuetas, de Vogelherd revelavam os mesmos sinais indicadores de uso constante: não parece que elas tenham sido utilizadas como ornamento ou decoração pessoal, mas podem ter sido talismãs pessoais para atrair boa sorte, manuseados constantemente e até inconscientemente durante os afazeres diários; ou, quem sabe, elas tenham figurado em repetidas cerimônias sociais. Qualquer que tenha sido o uso específico desses entalhes e pinturas, eles nos falam acerca de um espírito verdadeiramente humano que todos nós reconhecemos em nós mesmos... Essa é a marca de uma cultura em pleno amadurecimento.¹⁸

Os autores vêem assim, nessa arte, a manifestação de complexos processos simbólicos e a elaboração de crenças sofisticadas para a época.

Nietzsche, em *O nascimento da tragédia*¹⁹, vê nos rituais dionisíacos o aparecimento da arte como o Ocidente veio a compreender, isto é, como uma manifestação de distanciamento do real e de sua sublevação contra ele. Quando, em meio aos rituais, alguns participantes se apresentam como intérpretes para os demais e dentre eles surge o coro grego, está inventada a arte como a reconhecemos no Ocidente. Assim, a arte teria seu surgimento desenvolvendo-se a partir do interior do ritual sagrado.

¹⁷ SCHMIDT, M. **Estudos de etnologia brasileira**. Trad. de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

¹⁸ LEAKEY, Richard e LEWIN, Roger. **O povo do lago**. Brasília/Sã Paulo: Editora Universidade de Brasília/Melhoramentos, 1988.

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. 2ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

Jean Galard, historiador da arte, por sua vez, considera que a arte surge da linguagem – a partir de um processo linguístico sofisticado, ela emerge como um signo transitivo, como o apontar com a mão para um objeto, para tornar-se intransitiva, isto é, com um valor em si mesmo. A partir daí o gesto se ritualiza e se metamorfoseia atingindo a sensibilidade do interlocutor no qual se realiza como beleza²⁰. A arte, portanto, resulta da excelência do uso de uma linguagem.

Por fim, quem contribui também para essa compreensão da arte como expressão de um processo mental e psíquico que expressa um sofisticado recurso do imaginário, é Umberto Eco para quem a arte busca dar um sentido à caótica experiência do mundo. É assim que esse analisa o processo de criação artística em *Seis passeios pelos bosques da ficção*.²¹

Reconhecer o caráter cognitivo da produção artística e de sua estreita relação com o desenvolvimento de potencialidades humanas se tornou uma premissa importante num universo da sociologia do conhecimento que detecta a crítica que se faz hoje ao positivismo e à racionalidade. O exercício das profissões e o desenvolvimento das ciências não podem mais desprezar a contribuição do conhecimento sensível, do pensamento complexo e da relatividade. A prática artística permite o êxito nessas posturas mais contestadoras.

A contemporaneidade se caracteriza pela revisão do positivismo que atribui à racionalidade a capacidade de chegar à verdade, de desvendar os mistérios do mundo e responder às perguntas e inquietações humanas. Assim, um novo paradigma que evidencia a importância da sensibilidade, da emoção e da não-racionalidade na interpretação da realidade, paradigma esse deslançado também pelo desenvolvimento da psicologia e da psicanálise e de teorias como as de Anthony Giddens²², David Harvey²³, Fredric Jameson²⁴ e Jean- François Lyotard²⁵, entre outros autores que se dedicaram a pensar a Pós-Modernidade, os quais colocam a arte sob uma

²⁰ GALARD, Jean. **A beleza do gesto: uma estética das condutas**. São Paulo: Edusp, 1997.

²¹ ECO, Umberto. ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

²² GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

²³ HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2001.

²⁴ JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem, Teorias do Pós-Moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

²⁵ LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

nova ótica. Ela passa a ser vista como expressão privilegiada do real não visível, não observável, mas resultante de uma expressão profunda da realidade para além de sua superficialidade, organicidade e linearidade aparentes.

É por considerar a arte como esse processo social, comunicativo e mental que me tornei responsável pela disciplina de Educomunicação Atividades Acadêmicas, Científicas, Artísticas e Culturais – AACC3 – Código CCA-0300, que integra o currículo da licenciatura no 5º semestre e para qual propus o programa que se segue.

Atividades Acadêmicas, Científicas, Artísticas e Culturais – AACC3

Trata-se de uma disciplina voltada para atividades práticas com palestras, oficinas, visitas guiadas, seminários e debates que é oferecida no 5º semestre do curso. Tendo como base tudo o que expus até o momento, elaborei uma programação que denominei *Verdade e Relatividade*, com o qual busco mostrar que, através da análise de obras de arte de literatura, fotografia, cinema e vídeos, podemos extrair conhecimentos científicos e nos relacionarmos com eles de forma pessoal, sensível e abrangente. Tais conhecimentos são utilizados para uma maior compreensão da realidade, para o entendimento da educomunicação e das questões cognitivas ligadas à abordagem da realidade. Possibilitam ainda, o desenvolvimento de uma metodologia educacional, não baseada em exposição oral, mas na vivência, debate e análise de conteúdos simbólicos das obras apresentadas. Neste primeiro semestre de 2021, a programação proposta constituiu-se de leitura de obras de Julio Cortazar, João Guimarães Rosa, Jorge Luiz Borges, Carlos Fuentes, assim como da análise de filmes como *Mais estranho que a ficção*²⁶ e *Estou pensando em acabar com tudo*²⁷, para discutir questões como realidade e ficção, realismo mágico, independência e colonialismo, verdade e mentira, chegando até ao estudo de koans (produção literária oriental) e as fake news.

A leitura de Umberto Eco, Homi Bahbba, Octavio Ianni, entre outros, permitiu o estudo da identidade individual e social, nacional e cultural.

²⁶ **Mais estranho que a ficção** – EUA, 2006, Marc Forster.

²⁷ **Estou pensando em acabar com tudo** – Netflix, 2020, Charlie Kaufman.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Com base no que expusemos até o momento vimos propor a presente pesquisa que alia arte, comunicação e educação e que se compõe de uma metodologia múltiplas:

1 – Pesquisa Bibliográfica e teórica sobre a relação antropológica, sociológica e psicológica entre arte, educação e desenvolvimento humano, pensando a arte como linguagem e forma expressiva utilizadas com intencionalidade estética e não como um acervo de objetos ou obras restritas ao campo artístico. Daremos espaço para as linguagens tecnológica e o uso de meios de comunicação como a fotografia, o vídeo e a televisão, assim como o computador, especialmente nessa época de pandemia. Autores como Edgar Morin, Umberto Eco, Margareth Mead, Susan Sontag, Roland Barthes, Vilén Flusser, Ana Mae Barbosa, Oliver Sacks, Eduardo Pañuela Cañizal, serão estudados em suas contribuições. O amplo acervo de dissertações e teses da USP também será analisado.

2 – Pesquisa empírica de cerca de cem projetos pedagógicos envolvendo os meios de comunicação, desenvolvidos por professores ligados à educação formal e não formal – analisando o uso de imagens fixas e em movimento para o tratamento de questões teóricas, políticas e filosóficas. Essa pesquisa será feita através de entrevistas com professores e em buscas de conteúdos na plataforma *YouTube* e *Whatsapp*. Há muitas experiências pedagógicas publicadas nas plataformas da rede Internet, especialmente nos cerca de 18 meses de recesso escolar provocados pela Pandemia do Coronavírus, em que recursos audiovisuais vêm sendo explorados. Nosso objetivo é selecionar os mais bem sucedidos para analisa-los, tendo por base a discussão travada no item “1” desta proposta metodológica. Um dos critérios de seleção será o número de visualizações, comentários e *likes*. A busca será feita por conteúdos nos idiomas português e espanhol ou traduzidos para esses idiomas. Utilizaremos trabalhos produzidos para a educação formal e informal, de iniciativa de instituições e produtores individuais, de caráter gratuito ou comercial, para um público de diferentes graus escolares. É nosso objetivo mapear essas produções e estabelecer suas semelhanças e diferenças.

Um exemplo dos trabalhos que este projeto pretende investigar é o canal Mitologia, de Guilherme Analista, para difusão da mitologia grega. Dedicado a um amplo público, o produtor vale-se de imagens, textos dramáticos, interpretação teatral e linguagem verbal. Esta acessível no link <<https://www.youtube.com/watch?v=jM6sT6iL9S4>>.

3 – Aplicando a metodologia de pesquisa desenvolvida em meu mestrado e doutorado para o estudo da mulher na sociedade através da leitura de obras pictóricas, bem como para a Livre-Docência, baseada no estudo da telenovela, realizaremos uma pesquisa empírica de obras de arte que abordem a educação escolar, formal e informal, buscando analisar seus conteúdos explícitos e latentes. Utilizaremos manifestações como pintura, escultura, fotografia, cinema e vídeo, para investigar o que a produção artística e cultural tem trazido de mensagens e informações a respeito da educação no Brasil. Serão obras existentes nos acervos de instituições culturais e artísticas e museus brasileiros. Um exemplo, dessas obras é *A Estudante Russa*, de Anita Malfatti, do acervo de pinturas do Instituto de Estudos brasileiros da USP, de 1915.



Nessa parte da pesquisa serão estudados artistas plásticos que tiveram na abordagem de processos escolares seu objeto de análise. Um deles é Bruno Novaes Poli, arte-educador e designer, professor de diversas escolas em São Paulo. As instalações abaixo, expostas no centro Cultural São Paulo, em 2020, mostram parte do seu trabalho.



4) Incorporando meu aprendizado como psicanalista, realizaremos pesquisa em torno da contribuição de Nise da Silveira, no Rio de Janeiro (RJ), e Osório Cesar, em Franco da Rocha (SP), para o uso da arteterapia como tratamento para doenças mentais. O Brasil foi um dos pioneiros nessa proposta, no século XX, conseguindo reconhecimento nacional e internacional pelos resultados obtidos. A arteterapia teve seus primórdios como uma tentativa de terapia ocupacional, mantendo os pacientes envolvidos com uma atividade expressiva e não só mecânica como nos sanatórios convencionais. Aos poucos foi-se registrando uma melhora considerável nos quadros de doenças mentais, tendo havido estudos profundos realizados por Carl Gustav Jung, nesse sentido. Osório Cesar e Nise da Silveira, em contato com o esse psicanalista foram pioneiros em instituir no Brasil esse tipo de tratamento com atividades que se tornaram mundialmente reconhecidas. A produção sistemática de obras de pacientes reunidas nas instituições onde trabalharam – Centro Psiquiátrico Pedro II, ou Hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, e Juquery, em São Paulo - fornece importante testemunho do que se alcança em termos de desenvolvimento psíquico com as expressões imagéticas. Os documentos e estudos desses trabalhos permitem pensar o uso da expressão imagética e artística para além de sua função terapêutica, como elemento capaz de proporcionar o desenvolvimento de uma psique organizada e integrada pelo uso concomitante de diferentes linguagens verbais e imagéticas. Atualmente, a arteterapia já ultrapassa os muros dessas instituições psiquiátricas e é

amplamente usada em trabalhos em grupo escolares e não escolares, para a busca de equilíbrio emocional e psíquico e prevenção da depressão.



*Museu de Imagens do Inconsciente
Rio de Janeiro – Nise da Silveira*



Museu Osório César – Franco da Rocha – São Paulo

RESULTADOS ESPERADOS

Acreditamos que com essas quatro propostas metodológicas, poderemos elaborar um quadro importante para a educomunicação:

1) uma discussão teórica sobre a importância na atualidade do uso da produção estética para uma educação mais voltada ao desenvolvimento humano do que ao

conteudismo, analisando-se as transformações pedagógicas que tal discussão engendra nas instituições escolares;

2) discussão ilustrada pela forma como a educação vem sendo apresentada e discutida pela produção cultural e artística;

3) apresentação de um repertório de experiências práticas, criadas e levadas a efeito entre 2020 e 2021, especialmente durante o recesso escolar provocado pela pandemia de Covid 19, nas quais a produção artística e cultural teve protagonismo nas atividades pedagógicas formais e informais;

4) mostrar que já há um século, no Brasil, a arte adentra as práticas de desenvolvimento humano e saúde mental, proporcionando condições mais adequadas à reflexão e à expressão pessoal.

CRONOGRAMA

A primeira etapa de pesquisa deverá percorrer os três anos de vigência da bolsa, desenvolvendo-se de forma integrada com as demais. A pesquisa sobre as experiências publicadas na Internet em diferentes plataformas, se realizará no primeiro ano, 2022, procurando-se tornar mais viável o registro e documentação dessas experiências, uma vez que muitas são retiradas do ar à medida que o tempo passa. Em 2023, será feito o levantamento das obras de arte que abordam a escola e a educação e sua análise. Em 2024, faremos o levantamento dos dois museus que abrigam as obras produzidas por pacientes de Nise da Silveira e Osório César e que constituem o acervo dessas instituições.

Nossa proposta prevê a elaboração de um site concomitante com o desenvolvimento da pesquisa, no qual serão registrados os dados e informações e será elaborado o texto do Relatório Final. Como expliquei, tenho desenvolvido essa prática em minhas pesquisas, com resultados muito satisfatórios. Ela permite a organização de informações, a publicidade e a ampla divulgação de resultados, podendo interessar ao público acadêmico, bem como a outros estudiosos e pesquisadores.

	2022	2023	2024
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X

Pesquisa de experiências práticas Educomunicativas com imagem	X		
Pesquisa de obras de arte retratando a escola		X	
Pesquisa nos Museus do Inconsciente e Osório César			
Criação e atualização do site com dados da pesquisa	X	X	X
Elaboração do Relatório Final	X	X	X

PRODUÇÃO ACADÊMICA RECENTE

As atividades do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM – USP) nos últimos vinte anos e sob a coordenação desta pesquisadora envolveram três Projetos Temáticos (Fapesp): O Arquivo Miroel Silveira - A censura em Cena - organização e análise dos processos de censura teatral do serviço de censura do DDP-SP (2002-2005); A Cena Paulista - um estudo da produção cultural de São Paulo a partir do Arquivo Miroel Silveira - 1930/1970 (2005-2009) e Comunicação e Censura - estudo teórico e documental dos processos censórios a partir do Arquivo Miroel Silveira (2009-2013). Em 2012 de tornou um Núcleo de Apoio à Pesquisa da Universidade de São Paulo - Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura, em atividade até a atualidade. Nos últimos anos foram conduzidos, também sob minha coordenação, os seguintes projetos:

Projeto Canal do OBCOM-USP no Youtube (2019-atual) – Canal no YouTube para veiculação de pesquisas e pesquisadores do Núcleo de Apoio à Pesquisa Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da Universidade de São Paulo - OBCOM-USP, projeto de cunho comunicacional, educativo e de divulgação científica.

Liberdade em Cena - Leitura Dramática de peças que transformaram o teatro e a dramaturgia brasileira. (2018-2020) – Em parceria com o Centro de Pesquisa e

Formação do SESC SP, realizou Leituras Dramáticas e o debate de peças que, liberadas para encenação, mudaram a dramaturgia e o teatro brasileiro.

Censura em Cena (2015-2017) – Leitura Dramática de 12 peças vetadas no período, seguida de uma mesa de debates sobre o autor, a obra e os motivos da censura.

Nesse período as atividades de pesquisa geraram vinte livros cuja publicação foram coordenadas pela pesquisadora, que também assinou 26 capítulos publicados em livro, outros 12 artigos publicados em periódicos. Orientei 28 dissertações de mestrado, seis teses de doutorado e supervisionei oito pós-doutorados. Organizou ainda 23 eventos sobre liberdade de expressão e censura, entre seminários, simpósios, ciclos de palestras e cursos à distância.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

BATAILLE, Georges. **O nascimento da arte**. Lisboa: Sistema Solar, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades/ Ed.34, 2011.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. São Paulo: Vozes, 1994.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. *Meios de Comunicação e Práticas Escolares*. Revista Comunicação & Educação – Vol6, n.17 (2000) – p.30-36.

CITELLI, Adilson Odair. *A escola e os discursos não didáticos*. Revista comunicação & Educação – vol 3, n.8 (jan/abr, 1977).

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher** – um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: SENAC RIO, 2002.

COSTA, Cristina - *A pintura do barroco mineiro: mitos e história* – Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – 1990.

COSTA, Cristina - *O gancho da telenovela – análise estética e sociológica*. Tese de Livre-Docência apresentada à escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1997.

COSTA, Cristina - *O retrato feminino na pintura brasileira – de 1800 a 1950 - do realismo ao romantismo – análise estética e sociológica*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – 1985.

COSTA, Cristina. **A milésima segunda noite**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

COSTA, Cristina. **Censura em cena**. São Paulo: EDUSP/FAPESP/ Imprensa Oficial, 2006.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Huicitec, 1985.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**. São Paulo: Annablume, 2008.

GALARD, Jean. **A beleza do gesto: uma estética das condutas**. São Paulo: Edusp, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2001.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2001.

JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem, Teorias do Pós-Moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

LEAKEY, Richard e LEWIN, Roger. **O povo do lago**. Brasília/Sã Paulo: Editora Universidade de Brasília/Melhoramentos, 1988.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014

- MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a la comunicación: comunicación, cultura y hegemonia**. 3ed. México: Gustavo Gili, 1993.
- MATOS, Olgária C.F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. 2ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - I Neurose**. 6ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. 2ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- SCHMIDT, M. **Estudos de Etnologia Brasileira**. Trad. de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola, 2002.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação. Diversidade, descolonização e redes**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- SOARES, Ismar de Oliveira – Educomunicação: um campo de mediações – Revista Comunicação & Educação – vol 7, n.19 (2000).